

## O CORPO NA ESCOLA: QUAL O SEU PAPEL?

### *BODY IN SCHOOL: WHAT IS YOUR ROLE?*

Fabiola Teixeira Araujo Rios<sup>1</sup> e Wagner Wey Moreira<sup>2</sup>

#### RESUMO

Pretendemos neste artigo desvelar aspectos relacionados aos significados do corpo ao longo da história da humanidade, bem como a importância da corporeidade e da motricidade no processo educativo partindo de alguns questionamentos: Como era a visão de corpo nos séculos passados? Como é na atualidade? A prática educativa na escola hoje confere quais significados ao corpo? Estes estão permeados pelos valores da concepção de objeto ou de sujeito? Como poderemos dar um novo valor ao corpo na prática educativa tendo como foco a corporeidade e a motricidade? Qual a definição que encontramos dos termos corpo/corporeidade e movimento / motricidade? Foi realizada uma pesquisa bibliográfica abordando autores como Moreira (1995), Simões (1998), Sérgio (2003), Nobrega (2010), Santin (2011) dentre outros estudiosos da área da corporeidade e motricidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Corpo. Corporeidade. Motricidade. Educação

#### ABSTRACT

*We intend in this work revealed aspects related to signified body throughout the history of mankind, as well as the importance of corporeality and motor skills in the educational process starting from some questions: How was the body of vision in centuries past? How do today? The educational practice in school today which gives meaning to the body? These are permeated by the values of the object design or subject? How can we give a new value to the body in educational practice with a focus on physicality and motor skills? What is the definition we find the terms body / corporeality and movement / motor skills? a literature search addressing authors as Moreira was held (1995), Simões (1998), Sergio (2003), Nobrega (2010), Santin (2011) among other scholars in the field of corporeality and motor function.*

**KEYWORDS:** Body. Corporeality. Motricity. Education

#### INTRODUÇÃO

Abordar o corpo/corporeidade, movimento/motricidade no contexto educativo é algo que nos leva a constantes indagações.

Desde a nossa concepção no útero materno a vida está ligada constantemente ao movimento, não é estática e quanto mais a criança vai se desenvolvendo mais ela tem necessidade de se movimentar e se expressar através do seu corpo e seus movimentos e

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM. E-mail: [fabiolajcrios@hotmail.com](mailto:fabiolajcrios@hotmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM. E-mail: [weymoreira@uol.com](mailto:weymoreira@uol.com)

quando a criança inicia no Ensino Fundamental as interações e a corporeidade precisam ser vistas de forma integrada: cognição, afetividade e movimento.

No decorrer da história, o corpo teve várias formas de ser visto, de ser sentido, definido, de acordo com a cultura e com o momento histórico da sociedade ao qual estava inserido. Os comportamentos, relacionamentos e expressões de um povo são revelados através do corpo, dos movimentos, gestos e atitudes sejam elas físicas ou emocionais.

Não somos um corpo mecânico dividido em partes, somos corporeidade onde há um conjunto histórico que dependerá das nossas interações sociais, como afirma (GONÇALVES E MARTINATTI, 2009).

Sendo assim, a escola deve propor práticas pedagógicas em que ocorram a participação integral da criança, buscando autonomia de movimentos corporais tentando apresentar condições e possibilidades para uma re-significação do corpo como aliado ao processo de ensino e aprendizagem.

Diante dessa premissa, o debate teórico aqui proposto nos remete, inicialmente, a desvelar aspectos relacionados aos significados do corpo ao longo da história da humanidade, bem como a importância da corporeidade e da motricidade no processo educativo através dos seguintes questionamentos:

Como era a visão de corpo nos séculos passados? Como é na atualidade? A prática educativa na escola hoje confere quais significados ao corpo? Estes estão permeados pelos valores da concepção de objeto ou de sujeito? Como poderemos dar um novo valor ao corpo na prática educativa tendo como foco a corporeidade e a motricidade? Qual a definição que encontramos dos termos corpo/corporeidade e movimento / motricidade?

São questões como essas, que pretendemos discutir, com a certeza de que o assunto aqui não se esgota. Desde que iniciamos nossa carreira no magistério, percebemos que corpo e mente são vistos de forma separada e desde então nos inquieta muito. Acreditamos que não existe apenas um discurso e uma prática, mas discursos e práticas que são construídas nas instituições de acordo com o interesse dos professores e os currículos propostos, mas, na maioria das vezes as vontades das crianças de aprender brincando são esquecidas. É dada ênfase ao tecnicismo, justamente por haver muita preocupação em técnicas de como ensinar em detrimento a vontade real de quem vai aprender.

Para a realização desta reflexão foi utilizado como referencial teórico os estudos de Nóbrega, Freire, Moreira, Merleau-Ponty, Simões, dentre outros estudiosos da área de corporeidade e motricidade.

## Voltando ao passado de olho no presente

A escola tem um papel primordial no processo de construção da visão de corpo que defendemos, por ser uma instituição social que mantém uma relação dialética com a sociedade a qual está inserida podendo exercer ao mesmo tempo uma posição tanto dominadora como de transformação. Mas sabemos que o corpo no decorrer dos anos teve várias significados.

Para compreendermos estes significados e a visão existente de corpo na atualidade, principalmente no contexto educativo precisamos realizar uma caminhada no tempo mesmo que seja breve, pois não é o foco de nosso trabalho.

De acordo com SIMÕES (1998,p.18) “o tema corpo não é objeto específico de uma ciência. Ele está presente tanto na visão objetiva, de valores factuais das ciências positivistas, como na visão subjetiva, de valores mais simbólicos, das ciências humanas.”

Pode parecer estranho abordarmos o corpo neste nosso trabalho, mas a criança enquanto corpo é muito mais que um organismo formado por células, tecidos, órgãos, ela é a sua própria forma de relação com o mundo atuando mais do que fisicamente, mas intencionalmente e cheia de desejos, relações, dúvidas.

Para SIMÕES E PICCOLO (2012, p.19):

O corpo não é a junção de uma parte com a outra, nem uma máquina automática de causa e efeito comandada pelo espírito, ou mesmo um psiquismo, unido a um organismo, isolado do resto do mundo. O corpo é uma casa, uma morada localizada em um quarteirão infinito, construída com partes interligadas por substâncias vitais, habitada por sentidos e segredos, envolta por janelas perspectivais, circunvizinhada por outras casas, com as quais mantém uma relação de dependência e ao mesmo tempo de individualidade.

Estudar sobre as transformações do corpo desde a Grécia Antiga nos faz compreender como está sistematizado o pensamento ocidental por este ter sido influenciado pelo homem grego. Filósofos como Sócrates, Platão, Aristóteles e contribuíram de maneira significativa para a visão de corpo que fez parte desse período.

No processo de construção da sociedade ocidental, o corpo muitas vezes foi visto como fragmentado e com o objetivo de ser manipulado com maior facilidade para ser transformado.

De acordo com SIMÕES (1998, p. 22)

a imagem de corpo/homem surge a partir do pensamento filosófico. A filosofia, na Grécia, nasceu a partir da problemática da origem do mundo e da geração das coisas. Quanto ao homem, sentia-se circundado por forças ocultas e misteriosas. Esta imagem era abstrata e para o homem se conhecer a si mesmo precisava colocar-se fora de si.

Sócrates acreditava que a saúde era o bem mais precioso do homem, juntamente com a beleza contida no corpo e educar significava desenvolver o indivíduo de forma integral. Este filósofo manifestava-se contra qualquer modo de pensar que separava o corpo da alma, a filosofia da pessoa.

Um dos discípulos mais importante de Sócrates e o mais influenciado por suas ideias foi Platão. A separação entre corpo e alma era bastante clara na concepção de Platão. É nesse sentido que o corpo foi tido como um empecilho para a alma.

Defendendo a alma, Platão destacou a fragmentação entre ela e o corpo, já presente no pensamento grego da época, entre o sensível e o inteligível, entre o visível e o invisível, entre o finito e o eterno, entre o mundo da matéria e o mundo das ideias. (SIMÕES, 1998)

Aristóteles, por sua vez, acreditava na ideia de que o conhecimento sensível era fragilizado, porém, recusava a atribuir ao intelecto uma existência superior. Para ele o pensar, o agir e a movimentação dos músculos seriam ações recíprocas e o corpo só alcança seu sentido se estiver em comunhão com a alma que o anima. Assim, um precisa do outro para interagir com o mundo.

Assim, por mais que houvesse discordâncias entre a compreensão de corpo presente na sociedade, os gregos valorizavam a harmonia entre o corpo e a alma. Em outras palavras, a perspectiva de que o mundo inteligível era mais importante surgiu no mesmo período em que os gregos passaram a cultuar o corpo, portanto, consolidando a ideia de corpo em harmonia com a alma.

Na Idade Média (entre os séculos V e XV) o corpo era visto com idolatria, sendo o centro dos acontecimentos, havendo uma separação entre corpo (profano) e espírito e alma (sagrado). As funções sociais eram determinadas pelas características físicas e para a sociedade cristã qualquer culto ao corpo era considerado pecado pois poderia tornar a alma impura. (GONÇALVES E AZEVEDO, 2007)

Neste mesmo período, houve uma grande desvalorização das atividades corporais, e o corpo passou a ser controlado através de severas práticas religiosas. O discurso religioso

reforçava muito bem esse poder em relação ao corpo, ou seja, para garantir a salvação da alma, o homem teria que seguir rigorosamente os ensinamentos da Igreja.

O corpo durante o Renascimento (séculos XV e XVI) passa a ser visto como objeto de estudos e foco de experiências para as ciências. As atividades físicas que estavam relacionadas ao corpo eram determinadas por inúmeras regras rígidas, que tinham como objetivo a saúde deste corpo. Sendo assim, o dualismo proposto por Platão em que o corpo era o cárcere da alma e defendido por Descartes na forma cartesiana separando o homem em um ser pensante (alma) e em um ser material (corpo) funcionando como uma máquina na contemporaneidade passa a ser analisado de outra forma conforme GONÇALVES (2011, p.48) “homem não é considerado um ente de razão, mas também um ente de vontade – possui uma vontade que, iluminada pela razão, permite-lhe dominar e modificar a natureza.”

Na Idade Moderna (séculos XVI a XVIII) presenciamos visão de corpo- máquina e disciplinado citado por Foucault (2008, p.80) em que o homem precisava ser preparado para a força do trabalho de um mundo capitalista tornando impossível a sua corporeidade, pois,

o controle da sociedade sobre os indivíduos não opera simplesmente pela consciência ou ideologia, mas começa no corpo e com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade biopolítica.

NÓBREGA (2010) ressalta ainda que as relações com a representação mecânica do corpo são destaque neste período da História, enquanto no século XIX, a fisiologia divide com a anatomia as bases de compreensão do corpo, e que, segundo Merleau-Ponty (1908-1961) para se ter o conhecimento do corpo não basta apenas dividi-lo em partes e funções e que o mesmo possui uma estreita relação com o mundo ao qual está inserido.

GONÇALVES (2011) destaca:

O corpo, como corpo próprio ou vivido, possui uma intencionalidade operante que engloba todos os sentidos na unidade da experiência perceptiva e a integração dos sentidos só pode ser explicada por ser um único organismo que conhece e se abre ao mundo, com o qual ele coexiste. (p.66)

Abordando a atualidade percebemos um corpo a serviço da estética que quanto mais bonito, mais esbelto, mais valor este tem para a sociedade. Um corpo em que o homem pode modificá-lo como quiser devido o avanço de técnicas cirúrgicas em que se pode “acrescentar” o que está faltando e “retirar” o que está em excesso.

Percebemos também na atualidade o meio tecnológico como uma forma de aprisionar o corpo. Um aprisionamento em que o ser humano encontra-se cada vez mais distante do outro devido as facilidades de se comunicar via redes sociais, esquecendo-se da importância da corporeidade como forma de estreitar as relações.

A dependência que a criança da atualidade vive em relação aos aparatos tecnológicos está fazendo com que estas fiquem cada vez mais deficientes em suas vivências corporais e motrizes afastando-as das relações afetivas e sensíveis.

Mas, aí surge um questionamento: o que tudo o que ressaltamos tem a ver com a corporeidade no contexto educacional e com a criança no primeiro ano do Ensino Fundamental?

Em nossas escolas podemos ressaltar que não é diferente. Entrar em uma sala de aula ou observar crianças durante o recreio e vê-las sentadas, sem poder se levantar nos causa uma angústia descomunal e isso nos acompanha há muito tempo em nossa trajetória profissional.

A partir dos anos 60, a forma como os espaços de aprendizagem eram estabelecidos, as regras dadas com rigorosos regulamentos para o comportamento corporal dos alunos, os tempos determinados para cada atividade não levava em conta os movimentos espontâneos e muito menos as emoções.

Este poder de corpo disciplinado que FOUCAULT (2008) expressou em seus escritos encontra-se presente na realidade educacional. Para se ter aprendido alguns profissionais acreditam ser necessário que haja comportamentos mecânicos, com crianças assentadas e imóveis por longos períodos, com carteiras enfileiradas, esquecendo-se o corpo como um grande aliado ao processo de ensino-aprendizagem. Não um corpo passivo, mas um corpo atuante em todos os seus aspectos.

Angustia-nos muito quando estamos em uma escola e ao andar pelos corredores observamos dentro das salas de aula crianças intactas, focadas no professor e no quadro, sentadas uma atrás da outra e muitas vezes sendo chamadas a atenção porque se levantaram ou conversaram.

Ao se movimentar pelos corredores das escolas as crianças precisam andar como “robôs”, pois se as mesmas andam mais rápido ou correm são imediatamente chamadas a atenção.

Um cognitivo dominado leva a uma submissão do emocional, controlando movimentos espontâneos tornando os momentos de aprendizagem muitas vezes mecânicos com métodos de ensino em que os corpos são proibidos de se expressar. De maneira geral,

como cita MANUEL SÉRGIO (2003, p.96) “todo trabalho pedagógico preconiza um controle estatal em que ao aluno não é permitido o exercício da criatividade”

ARROYO (2000, p.72) ressalta que o professor durante o processo educativo deve dar centralidade ao corpo buscando estratégias em que a corporeidade seja vista como um elemento de formação humana.

A educação dos corpos - não o seu adestramento e controle - merece maior atenção nos processos escolares. É uma das lacunas mais lamentáveis em nossa pedagogia. Recolocar o corpo na centralidade que ele tem na construção da nossa identidade e da totalidade de nossa cultura exige criatividade profissional de todos.

### **Refletindo sobre a Corporeidade e Motricidade**

Estudos sobre corporeidade, motricidade suas múltiplas linguagens e expressões, nos ajudaram de forma significativa a compreender que o corpo é o principal instrumento de comunicação e o nosso primeiro elo com o mundo.

Como explanamos no tópico anterior o corpo já foi sagrado, já foi objeto, já foi considerado máquina, como força do trabalho, foi e é visto como movimento, mas o mais importante: o corpo precisa ser corporeidade em todas as suas ações, precisa ser motricidade que é uma das características que nos diferencia dos demais animais. Mas, afinal, neste primeiro momento, como podemos definir corporeidade?

Podemos interpretar o sentido de corporeidade através da Croniqueta 27, de MOREIRA, 2003:

[...]Corporeidade é voltar os sentidos para sentir a vida em: olhar o belo e respeitar o não tão belo; cheirar o odor agradável e batalhar para não haver podridão; escutar palavras de incentivo, carinho, de odes ao encontro, e ao mesmo tempo buscar silenciar, ou pelo menos não gritar, nos momentos de exacerbação da racionalidade e do confronto; tocar tudo com o cuidado e a maneira de como gostaria de ser tocado; saborear temperos bem preparados, discernindo seus componentes sem a preocupação de isolá-los, remetendo essa experiência a outros no sentido de tornar a vida mais saborosa e daí transformar sabor em saber. Corporeidade é buscar transcendência, em todas as formas e possibilidades, quer individualmente quanto coletivamente. Ser mais, é sempre viver a corporeidade, é sempre ir ao encontro do outro, do mundo e de si mesmo.[...]

A corporeidade citada anteriormente é a corporeidade necessária nos ambientes escolares, em que são propiciados momentos de aprendizagens cognitivas, mas também de encontro ao “eu”, ao “nós”, tendo a infância um sabor de alegria, interação e movimento.

De acordo com SANTIN (2011, p.52) “corporeidade é um conceito abstrato” e tudo que é abstrato se torna mais difícil de ser compreendido principalmente numa sociedade tão racionalista como a nossa.

O corpo humano enquanto corporeidade, que mantém relações sociais e ao mesmo tempo individuais e a Educação não é um fenômeno isolado, mas sim, “encontra-se estreitamente vinculada a outros fenômenos e só pode ser compreendida por meio do movimento de desvelamento de suas múltiplas interconexões.” (GONÇALVES, 2011, p.86)

Podemos afirmar então que corporeidade é o nosso corpo vivenciado que faz com que nos tornemos significativos para nós mesmos formando uma relação de constante diálogo com outros corpos expressivos, com os objetos do nosso mundo e conosco mesmo. Lembremos então que a cognição surge a partir da corporeidade, expressando-se na percepção como movimento.

A corporeidade se configura na dinâmica dos processos orgânicos, da história, dos afetos, da cultura, surgindo uma linguagem sensível, relacionada ao universo da corporeidade, o corpo e a experiência de movimento criam a linguagem sensível surgindo a possibilidade de uma nova compreensão do ser humano e do conhecimento. (NÓBREGA, 2010).

Assim sendo,

A corporeidade implica, na inserção de um corpo humano em um mundo significativo, na relação dialética do corpo consigo mesmo, com outros corpos expressivos e com os objetos do seu mundo (ou as "coisas" que se elevam no horizonte de sua percepção). O corpo se toma a permanência que permite a presença das "coisas mesmas" manifestar-se para mim em sua perspectividade: toma-se o espaço expressivo por excelência, demarca o início e o fim de toda ação criadora, o início e o fim de nossa condição humana. Mas ele, enquanto corporeidade, enquanto corpo vivenciado, não é o início nem o fim: ele é sempre o meio, no qual e através do qual o processo da vida se perpetua. (OLIVER, p.52)

A corporeidade torna-se tão importante e urgente no contexto educacional que podemos enxergá-la como uma nova forma de encarar uma educação para a vida que trabalhe valores humanos em todos os aspectos, uma educação em que as emoções estejam entrelaçadas ao currículo e de acordo com a cultura do educando. Sendo assim,

A corporeidade é, existe, e através da cultura ela possui significado. Daí a constatação de que a relação corpo-educação, por meio da aprendizagem significa aprendizagem da cultura - dando ênfase aos sentidos dos acontecimentos-, e aprendizagem da história- enfatizando aqui a relevância das ações humanas. Corpo que se educa é corpo humano que aprende a fazer história, fazendo cultura. (MOREIRA, 1995, p. 30).

Acreditamos que o corpo é o elemento principal da aprendizagem. Se a criança está bem consigo mesmo em todas as dimensões esta aprendizagem se torna significativa e muito mais prazerosa.

Assim sendo é imprescindível que o professor que atua no primeiro ano do Ensino Fundamental acredite na importância da corporeidade e de estudar e compreender este tema porque

Eu não existo porque penso ou porque elaboro imagens do que sou, mas eu existo porque vivo e essa vivência não se faz sem corpo. Assim, a corporeidade é a expressão da minha existência no mundo, na cultura, na história e nada posso realizar ou conceber-se não existir corporalmente (NISTA-PICCOLO E MOREIRA, 2012, p.57)

Moreira e Simões (2006) alertam que ao estudarmos o fenômeno corporeidade não significa que encontraremos respostas para os problemas e dificuldades que enfrentamos no contexto escolar, mas sim, nos levará a refletir sobre questões relacionadas com o corpo, com a vida que se constrói nessa relação com o mundo em que vivemos.

O ser humano só se revela ao mundo através da corporeidade e esta se representa no mundo pela motricidade. Como vimos a corporeidade baseada nos mais diversos aspectos do corpo (próprio, vivo ou encarnado) a qual nos permite dirigir ao mundo com intencionalidade e transcendência. Portanto, “[...] a motricidade é a esfera primária em que em primeiro lugar se engendra o sentido de todas as significações.” (MERLEAU-PONTY, 1996, p.197).

Estamos no mundo e nos movemos. Mas este mover com intencionalidade é que nos diferencia dos demais seres. Esta motricidade que nos torna mais capazes de realizar nossos desejos, nossas vontades e acima de tudo realizar nossas ações baseadas naquilo que queremos, pois como ressaltam PEREIRA E SILVA (2008, p.130):

O homem só é e existe porque se move. E ao se mover constrói sua própria história, é actor de sua própria vida. Então, a intencionalidade pensante desliza-se para a intencionalidade operante, porque a consciência intencional faz com que o ser humano perceba as suas carências e procure novos horizontes que lhe abram perspectivas em direcção ao mundo e em busca de ser mais. Observa-se que há uma

passagem da consciência representativa, da intencionalidade pensante, para a intencionalidade operante ou motricidade humana.

Percebemos então que é pela intencionalidade e pela motricidade que atingimos nossos ideais e conseguimos realizar nossos projetos, que nos materializamos e nos revelamos (SÉRGIO, 2003)

O termo motricidade traz, em um primeiro momento, uma tarefa complexa, pois viemos de uma formação profissional em que não temos como base seus pressupostos e sim o “cartesianismo”, uma vez que nossa atuação pedagógica na maioria das vezes está centrada em um maior rendimento dos alunos nos âmbitos quantitativos para obter bons resultados nas avaliações internas e externas e na perfeição das atividades devido cobranças que temos em cumprir as disciplinas exigidas no currículo

Vale destacar ainda que para FREIRE (1991, p. 26) sem nosso corpo, nada podemos fazer, pois somos locomotores, nos expressamos através dos nossos movimentos e "pela corporeidade existimos; pela motricidade nos humanizamos.

A motricidade não é um movimento qualquer, é expressão humana e por considerarmos no âmbito escolar muitas vezes a tradição dualista tratamos o corpo como sensível e o intelecto como inteligível, não conseguindo enxergá-los de modo profundamente integrado sendo que, o "sensível é o segundo nome do inteligível, assim como o inteligível é o segundo nome do sensível. O corpo é o sensível e o inteligível" (p. 30).

Quando observamos a criança se movimentando, executando suas ações tal separação é impossível de se realizar e não podemos reduzir o corpo durante o processo educativo, porque só conseguimos produzir porque somos corpo em busca de nossa transcendência.

Reconhecer a relação entre motricidade e aprendizagem se faz necessário no ambiente escolar que nos leva a apontar conforme KOLYNIK FILHO (2010) para a grande necessidade de que a organização do trabalho pedagógicos seja realizada tendo como base alguns aspectos como: a importância da construção da motricidade no projeto político pedagógico, não sendo responsabilidade apenas da Educação Física, e o que percebemos é justamente essa visão. No horário de Educação Física a criança pode “brincar” e nos outros momentos ela precisa prestar atenção para assimilar os conteúdos passados pelos professores. Conteúdos estes que muitas vezes são totalmente fora da realidade da criança que se encontra nesta faixa etária e são transmitidos de forma mecânica.

Outro aspectos que não poderíamos deixar de citar é sobre a necessidade de que os professores insiram, em suas estratégias de ensino, atividades diversificadas em que as

funções psicológicas das crianças sejam exercidas de forma integrada à motricidade, sendo utilizadas atividades motoras.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Explanamos a indispensável tarefa de percebermos e repensarmos as práticas pedagógicas tendo como foco não só a aprendizagem, mas também um aprender e ensinar mais prazeroso contemplando a motricidade e a corporeidade, pois TROVÃO DO ROSÁRIO (1999) afirma que todas as formas bem como todos os meios de educação devem estar a serviço do ser humano em qualquer período de sua vida.

E enquanto não levamos em consideração a motricidade da criança que se encontra no primeiro ano do Ensino Fundamental, teremos uma educação que não priorize a liberdade das ações, mas sim uma educação voltada para a criança ideal, imóvel, polida que não pode expressar suas emoções e estão acostumadas ao confinamento (FREIRE,2010) e não é isto que se propõe a motricidade. Motricidade é alegria, movimento, envolvimento, relações, trocas!

Sendo assim, SIMÕES E NISTA-PICCOLO (2012, p.19)

O corpo não é a junção de uma parte com a outra, nem uma máquina automática de causa e efeito comandada pelo espírito, ou mesmo um psiquismo, unido a um organismo, isolado do resto do mundo. O corpo é uma casa, uma morada localizada em um quarteirão infinito, construída com partes interligadas por substâncias vitais, habitada por sentidos e segredos, envolta por janelas perspectivais, circunvizinhada por outras casas, com as quais mantém uma relação de dependência e ao mesmo tempo de individualidade.

O corpo somos nós com nossas individualidades, nossas subjetividades, vontades e acima de tudo nossa interação. Vemos a Corporeidade e Motricidade como uma nova forma de reflexão. Não como a única e mais importante verdade, mas como um caminho indispensável para a aquisição de novos conhecimentos pautados no amor, na troca, na ética e acima de tudo no prazer de fazer parte desta caminhada.

Segundo PAULO FREIRE (2006, p.92),

[...] o corpo é o que eu faço, ou talvez melhor, o que eu faço faz o meu corpo. O que acho fantástico nisso tudo é que meu corpo consciente está sendo porque faço coisas, porque atuo, porque penso. A importância do corpo é indiscutível; o corpo move-se, age, memoriza a luta de sua libertação, o corpo afinal deseja, aponta, anuncia, protesta, se curva, se ergue, desenha e refaz o mundo. Nenhum de nós, nem tu, estamos aqui

dizendo que a transformação se faz através de um corpo individual. Não, porque o corpo também se constrói socialmente.

Freire (2006) ainda aponta para a importância de resgatarmos a questão do corpo em nossas práticas pedagógicas. Não mais como uma questão de disciplinas estanques, mas um processo dinâmico que abrange os mais diferentes saberes.

Precisamos acreditar no poder da interação, na importância de realizarmos atividades com nossas crianças que as levem a assimilar o conteúdo proposto para o primeiro ano do Ensino Fundamental com alegria e prazer em aprender. Com aulas que foquem a criança como aquela que expressa suas alegrias, tristezas através da corporeidade. E nesta tentativa as teorias da ação comunicativa e da complexidade podem nos conduzir para uma ação interdisciplinar.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, M. **Os movimentos sociais e a construção da concepção e prática da Educação Básica Universal** (Minicurso). REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 23, 2000, Caxambu. Notas.

FREIRE, J. B. **De corpo e alma: o discurso da Motricidade**. São Paulo: Sumus.1991.

FREIRE, P. **A educação na cidade**. 7. ed. Cortez, São Paulo. 2006.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis - RJ: Vozes, 2008.

GONÇALVES, M.A.S. **Sentir, pensar, agir corporeidade e educação**. São Paulo: Papirus. 2011.

GONÇALVES, A. S; AZEVEDO, A. A. de. E. A re-significação do corpo pela Educação Física escolar, face ao estereótipo construído na contemporaneidade. **Revista Pensar a prática**, Universidade Federal de Goiás, v.10, n.2, 2007.

GONÇALVES. C & MARTINATTI. C. **Olhares: Onde estás que não te encontro? Ludicidade e corporeidade no fazer educativo**. Vídeo Conferência. Londrina: ULBRA, 2009.

KOYNIK FILHO, C. **Motricidade e aprendizagem: algumas implicações para a educação escolar**. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-69542010000200005](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542010000200005) acessado em 13 de maio de 2015.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Carlos Alberto R. de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MOREIRA, W.W. **Croniquetas: um retrato 3x4**. Piracicaba: Gráfica UNIMEP, 2003.

MOREIRA, W. W. Perspectivas da educação motora na escola. In: DE MARCO, Ademir (Org.). **Pensando a educação motora**. Campinas: Papirus, 1995.

NISTA-PICOLLO, V.L.; MOREIRA, W.W. **Corpo em movimento na Educação Infantil**. São Paulo. Editora: Cortez. 2012.

NÓBREGA, T. P. **Uma Fenomenologia do Corpo**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010. (Coleção Contextos da Ciência ).

OLIVIER, G. G. F. **Um olhar sobre o esquema corporal, a imagem corporal, a consciência corporal e a corporeidade**. 1995. Tese (Mestrado em Educação Motora da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas). Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000095484> <Acesso em junho. 2014.

PEREIRA, L. P; SILVA, W. V. A corporeidade e o processo de formação integral do indivíduo: uma análise dos cursos de Educação Física e de Pedagogia. **Revista Vertentes**, São João Del-Rei, n. 31, p. 52-64, 2008.

SANTIN, S. Perspectivas na visão da corporeidade. In: MOREIRA, W.W. (Org.) **Educação Física e Esportes: Perspectivas para o século XXI**. Campinas, SP. 2011.

SÉRGIO, M. **Alguns olhares sobre o corpo**. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

SIMÕES; R.M.R. **Do corpo no tempo ao tempo do corpo: A ciência e a formação profissional em Educação Física**. 328f. Tese (Doutorado) Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP. 1998.

SIMÕES, R.; NISTA-PICCOLO V. Corporeidade e motricidade humana na educação física: uma possibilidade de transcendência para a área. In: NETO, M.P (Org.) **Educação Física, Corporeidade e Saúde**. Dourados: UFGD, 2012.

TROVÃO DO ROSÁRIO, A. A motricidade humana e a educação. In: SERGIO, M. et al. **O sentido e a acção**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999

**RECEBIDO EM: 06/03/2016**

**APROVADO PARA PUBLICAÇÃO EM: 29/11/2016**